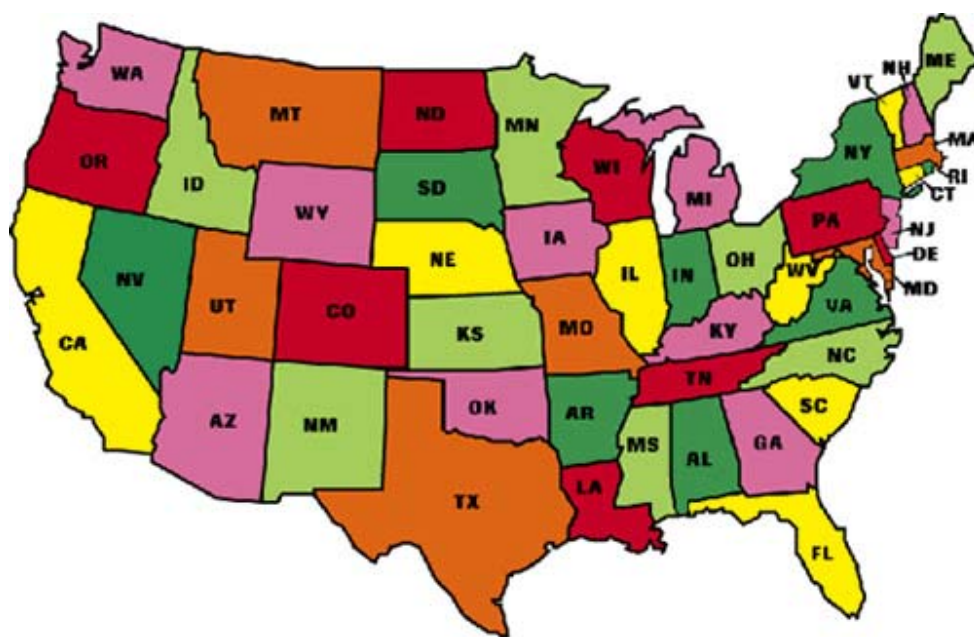




**Consulado-Geral do Brasil em Los Angeles
Setor de Promoção Comercial**

Estados Unidos - Informação Econômica Geral



Los Angeles – Julho / 2003

ÍNDICE

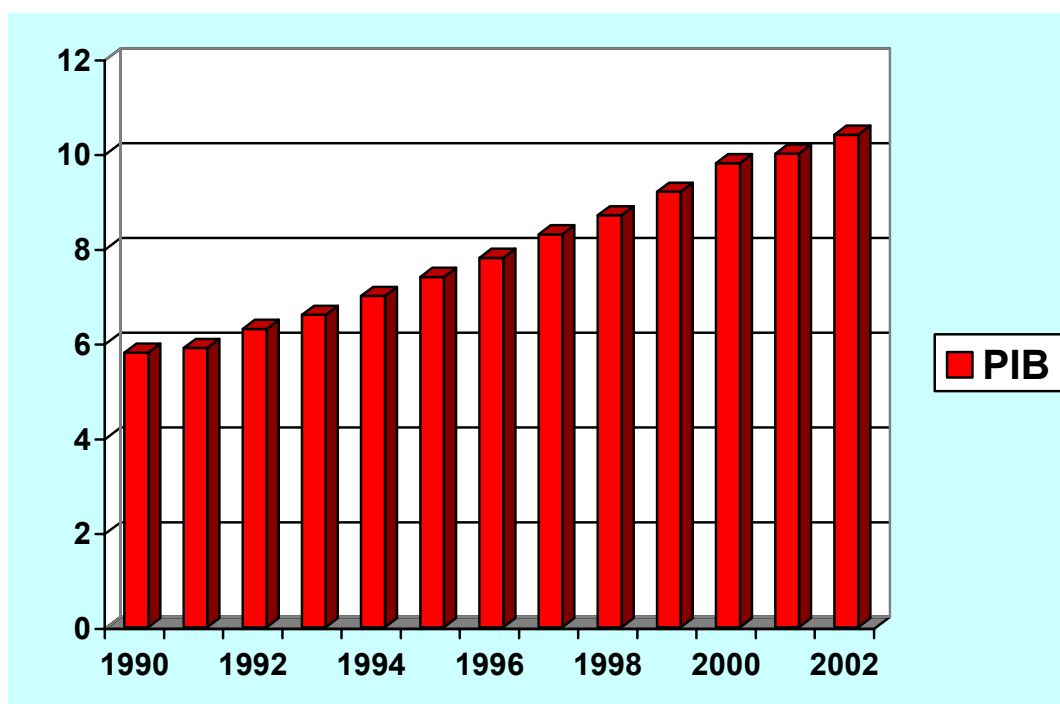
EUA – Aspectos Econômicos Gerais	03
EUA – População	05
EUA – Setores Econômicos Selecionados	11
EUA – Comércio Exterior	15
EUA – Política Econômica	16
EUA – Desempenho Econômico.....	17

EUA – Aspectos Econômicos Gerais

Os Estados Unidos possuem a maior economia mundial, o mais elevado volume de comércio global (US\$ 1,9 trilhões- 2001), a quarta maior extensão territorial (9.159.115 km²) e a terceira maior população do globo (281,8 milhões – Censo 2000). O gráfico a seguir mostra a evolução do Produto Interno Bruto do país, que desde 2001 ultrapassou a marca de US\$ 10 trilhões anuais.

Estados Unidos – Evolução do Produto Interno Bruto

(PIB em US\$ Trilhões – Valor Atual)



Fonte: U.S. Department of Commerce

O país caracteriza-se pela sua economia avançada, que lidera de forma inovadora em diversos setores. Sua base industrial responde por cerca de 16% do total do PIB (2002). Sua agricultura, embora contribua em pequena escala para o resultado total, possui elevada produtividade. Cite-se ainda que não obstante o valor do comércio exterior dos EUA exceder o de qualquer outro país, permanece reduzida a participação desse setor na formação do PIB nacional, o que evidencia a importância do acesso direto ao mercado norte-americano.

Os EUA possuem uma economia extremamente diversificada e o país apresenta elevado grau de auto-suficiência em matérias-primas. As indústrias de ponta concentram-se principalmente nos setores de veículos automotivos, aeroespacial, telecomunicações, mecânica, indústria química, eletrônica e de informática.

Durante os anos 70 e parte dos 80, diversos setores como o automobilístico e de produção mecânica e metalúrgica experimentaram certo declínio em função da concorrência sofrida pelos EUA, resultante da proliferação de técnicas produtivas mais avançadas por parte de países da Ásia Oriental. No entanto, a partir dos anos 90, muitos tradicionais setores manufatureiros nos EUA se readaptaram, recuperando níveis anteriores de produtividade. Os serviços despontam como o carro-chefe da economia do país, respondendo por cerca de 80% do total do PIB, aí incluindo-se os setores financeiro, de imóveis e construção, transportes, saúde e varejista, nesse último campo especialmente ajudados pelo rápido crescimento da Internet.

Ator político de maior peso no cenário mundial, os EUA exercem substancial influência em decorrência de sua posição econômica dominante, confirmada desde o término da Segunda Grande Guerra. Para esse efeito, contribuíram injunções próprias ao processo de desenvolvimento, formação e expansão do país. Em contrapartida, pesa sobre alguns setores econômicos uma conjuntura de saturação, em desdobramento ao prolongado período de crescimento do após-guerra, verificando-se efeitos negativos a exemplo do elevado déficit interno, baixa captação de poupança e imperativos de reestruturação em matéria de saúde, previdência e bem-estar social.

Em função da proeminência alcançada desde o após-guerra pela economia norte-americana, o dólar segue como parâmetro financeiro internacional, compondo reservas monetárias de bancos centrais por todo o globo, em proporção estimada em 60% do total. Tal fato se dá em condição não mais exclusiva, dada a emergência do “euro”, a moeda única adotada no âmbito da União Européia desde 2002, como outra referência monetária de peso substantivo. Contudo, o declínio progressivo que o dólar vem experimentando em tendência de longa data pode ser associado à redução da participação dos EUA na construção do PIB mundial, que passou do patamar de 50% ao final da Segunda Grande Guerra para os atuais 25%. Algumas análises apontam também para a baixa formação de poupança no país, comparativamente ao volume de meio circulante.

Desde a Administração Nixon, nos anos 70, sucessivos governos norte-americanos têm executado sua política financeira a partir de diretrizes que implicam a redução do valor do dólar, a fim de obter ganhos políticos internos de curto prazo, na medida em que o dólar enfraquecido fornece solução simples para o equacionamento de problemas de déficits orçamentários e comerciais na balança de pagamentos do país.

EUA – População

Embora o perfil da composição étnica da população dos Estados Unidos venha sofrendo recentes mudanças, em função principalmente da emigração em larga escala, o país ainda possui maioria branca, de acordo com o censo 2000 (75,1% - 2000; 80,3% - 1990).

Segundo o censo, a população dos EUA situou-se em torno de 281 milhões de habitantes em 2000, registrando acréscimo de cerca de 6 milhões com relação ao ano de 1990.

Dentre os fatores apontados como relevantes para a redução da predominância da maioria branca nos EUA, inclui-se além da emigração o maior índice de fertilidade apresentado pelas comunidades latina, asiática e afro-americana no país.

Outra tendência significativa reside no constatado envelhecimento da população norte-americana. Em 1960, a proporção de habitantes com mais de 65 anos de idade girava em torno de 9,2%, comparativamente a 12,4% em 2000.

Segundo analistas, a tendência deve continuar em decorrência da elevada expectativa de vida da chamada “baby-boom generation” (os nascidos entre 1945 e 1964), cujo ingresso nas faixas etárias da terceira idade acarretará implicações para o governo norte-americano em matéria previdenciária e de prestação de serviços de saúde.

A população dos EUA tem-se expandido com marcada colaboração da emigração (151 milhões – 1950; 227 milhões – 1980; 281 milhões – 2000). Desde meados dos anos 70, o contingente emigratório tem superado o crescimento natural interno da população norte-americana, observando-se número de chegadas, descontadas as partidas, superior a 750 mil por ano na década de 90.

Os EUA tem ainda uma população de estrangeiros legalmente residentes estimada em torno de 27 milhões, quase 10% do total do país. De acordo com o “INS-Immigration and Naturalization Service”, cujas atividades foram absorvidas pelo “Department of Homeland Security” após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, existiriam por volta de 5 milhões de estrangeiros ilegais no país.

A tabela a seguir fornece os dados relativos aos condados (municípios) mais populosos dos EUA em 2002, registrando-se a predominância das regiões Oeste e Meio-Oeste nas primeiras posições. A outra tabela informa sobre a evolução recente do poder de consumo no mercado interno dos EUA, a partir de lista selecionada de segmentos.

Os 20 Condados Mais Populosos dos EUA

(000 Milhões/hab) - Julho 2002

CONDADO	ESTADO	POPULAÇÃO
1- Los Angeles	Califórnia	9.806
2- Cook	Illinois	5.377
3- Harris	Texas	3.557
4- Maricopa	Arizona	3.303
5- Orange	Califórnia	2.938
6- San Diego	Califórnia	2.906
7- Kings	Nova York	2.488
8- Miami-Dade	Flórida	2.332
9- Dallas	Texas	2.283
10- Queens	Nova York	2.237
11- Wayne	Michigan	2.045
12- San Bernardino	Califórnia	1.816
13- King	Washington	1.759
14- Broward	Flórida	1.709
15- Riverside	Califórnia	1.699
16- Santa Clara	Califórnia	1.683
17- Nova York	Nova York	1.546
18- Tarrant	Texas	1.527
19- Clark	Nevada	1.522
20- Filadélfia	Pennsylvania	1.492

Fonte: U.S. Census Bureau (2003)

EUA – Consumo Individual

Setores selecionados – US\$ Trilhões/Bilhões

Gastos de Consumo Individuais	1990	1995	1999	2000
Total de Gastos	3,8	4,9	6,2	6,7
Alimentos / Tabaco	677	802	965	1,0
Vestuário	172	210	255	272
Sapatos	31	37	44	46
Móveis	38	47	60	64
Gasolina / Óleos	107	113	129	165
Entretenimento	284	401	527	574
Viagens ao Exterior	42	54	72	80

Fonte: U.S. Bureau of Economic Analysis (2002)

No quadro dos mercados denominados “étnicos” dos EUA, ressalte-se a proeminência gradativa que vem sendo alcançada pela população de origem hispânica, que já contabiliza cerca de 12,5% do total do país, com a projeção de perfazer por volta de 1/5 da população norte-americana em 2020.

População Estrangeira Legalmente Residente nos EUA
(País de Origem – Milhões/hab - 1999)

México	7,2
Filipinas	1,5
Vietnam	1,0
China / Hong Kong	1,0
Cuba	0,9
Índia	0,8
El Salvador	0,8
República Dominicana	0,7
Grã-Bretanha	0,7
Coréia do Sul	0,6
Total (incluindo outros)	26,5

Fonte: U.S. Census Bureau (2000)

Emergência da Comunidade Hispânica

Os fatores combinados da alta taxa de fertilidade com o rápido crescimento da emigração vêm fazendo com que a comunidade hispânica tenha alcançado a condição de maior minoria dos EUA, já a partir de 2003, superando o contingente afro-americano. Em 2002, o contingente hispânico atingiu patamar de 12,5% do total dos EUA, comparativamente a 9%, registrado em 1990. A seguir, alguns fatos básicos relativos à comunidade hispânica nos EUA:

Mercado da Comunidade Hispânica nos EUA

38,9 milhões de consumidores (2002)

4,8 milhões de hispânicos vivem no Condado de Los Angeles (32% da população total). OBS: a população do Condado de Los Angeles, 9,8 milhões em 2002, é maior do que a população de 42 Estados dos EUA

12,5% da população dos EUA (maior minoria étnica dos EUA)

23% da população de origem hispânica vive no Estado da Califórnia

120% de crescimento do poder aquisitivo entre 1990 e 2001 (no restante da população, a taxa situou-se em torno de 60%)

Poder aquisitivo estimado em US\$ 580 bilhões (2002)

Principais itens de consumo: alimentos; serviços telefônicos; móveis; vestuário de crianças e adultos, calçados

Fonte: Latin Facts Research

Os 10 Maiores Mercados da Comunidade Hispânica nos EUA

US\$ Bilhões - 2002

1- Califórnia – 170 bilhões

2- Texas – 93,7 bilhões

3- Flórida – 52,4 bilhões

4- Nova York – 48,1 bilhões

5- Illinois – 25,6 bilhões

6- Nova Jersey – 22,3 bilhões

7- Arizona – 17,5 bilhões

8- Colorado – 13 bilhões

9- Geórgia – 11,3 bilhões

10-Novo México – 11 bilhões

Fonte: Latin Facts Research

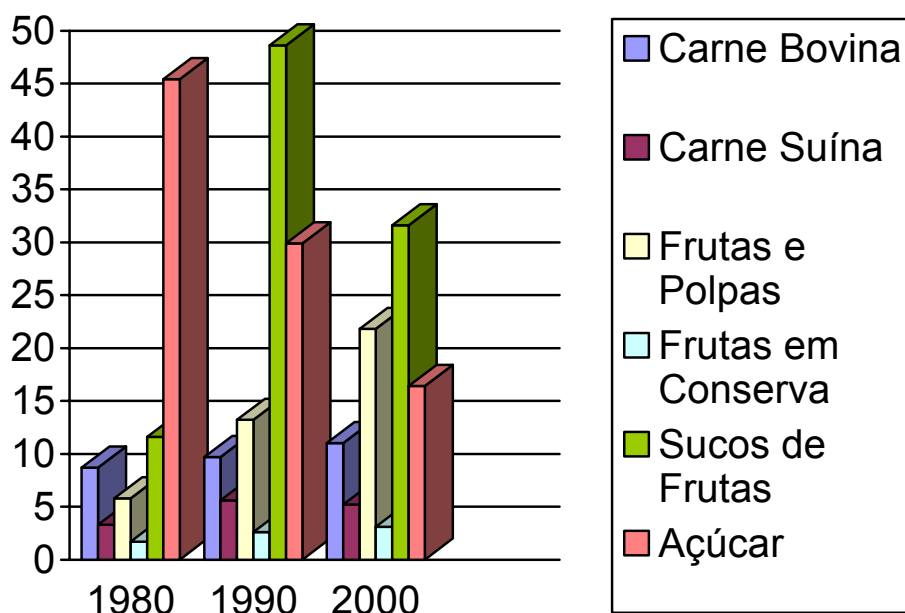
EUA – Setores Econômicos Selecionados

Agricultura

Embora o setor agrícola represente apenas 2% do PIB dos EUA, o país responde por cerca de 40% da produção mundial de milho, 25% do sorgo e 50% da soja. Os EUA produzem ainda em média mais de 60 milhões de toneladas de trigo anuais, equivalentes a cerca de 10% da produção mundial. Outras culturas importantes são algodão, tabaco, arroz, batatas, beterrabas e cereais diversos.

O setor agrícola dos EUA enfrentou sérios problemas particularmente na segunda metade dos anos 90, em função de condições climáticas adversas e da contração da demanda por exportações norte-americanas da parte de países asiáticos. O mercado interno dos EUA para o consumo de alimentos, a despeito das barreiras, oferece oportunidades de vendas, conforme o gráfico a seguir:

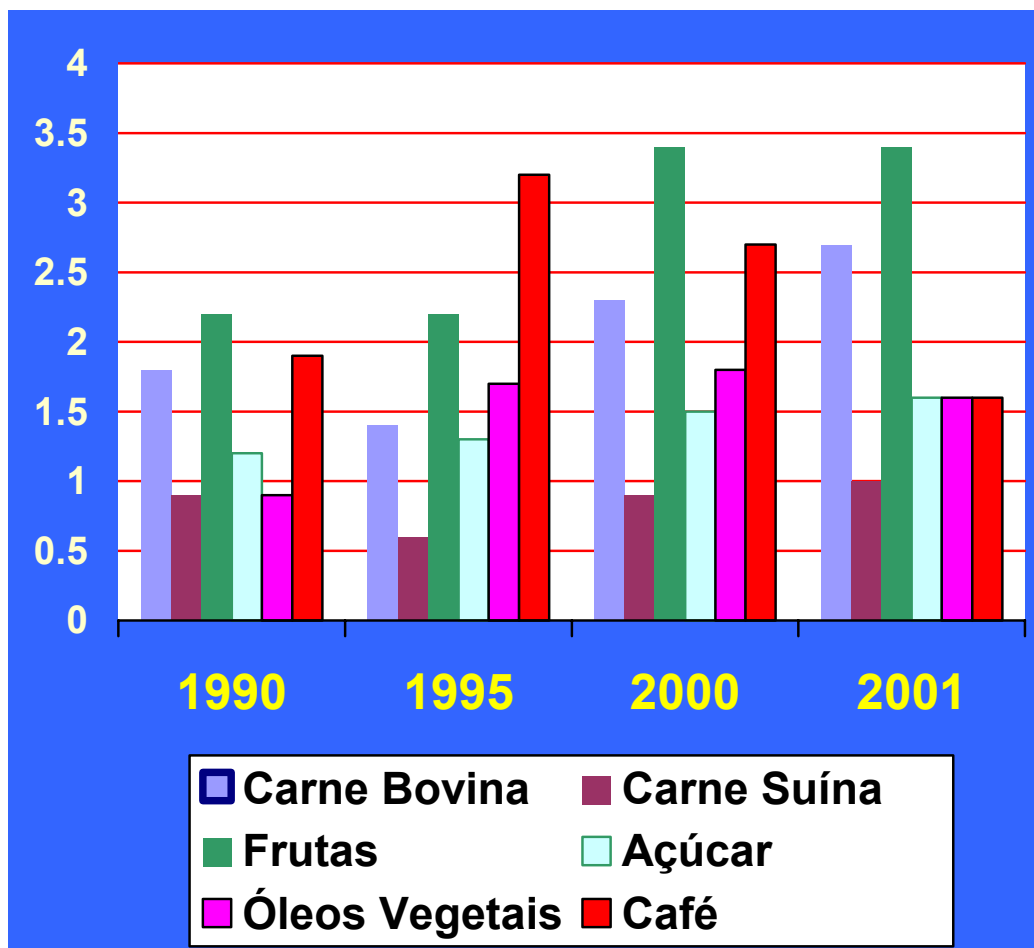
EUA - Participação de Produtos Agrícolas Importados no Consumo Interno
(1980 a 2000 – em %)



Fonte: U.S. Dept of Agriculture

A lucratividade do chamado “agribusiness”, por sua vez, vem despontando em contraste com o declínio apresentado pela agricultura familiar de pequena escala. O sucesso do “agribusiness” insere-se na tendência de enquadramento da empresa agrícola nos mesmos moldes de eficiência, concentração e produtividade, correspondentes à escala industrial. O Japão é o principal cliente dos produtos agrícolas de exportação dos EUA, seguido por Canadá, México, Coréia do Sul, Taiwan, China e Hong Kong. Quanto às importações dos EUA, a seguir são fornecidos dados sobre o valor de alguns dos principais itens da pauta:

**EUA – Mercado Importador
“Commodities” Seleccionadas**
(1990 a 2001 – em US\$ Bilhões)



Fonte: U.S. Dept of Agriculture

Indústria

A indústria dos EUA tem sofrido os efeitos da mudança nos padrões de consumo ocorrida com a ênfase atual no setor de serviços e também em função de sua acentuada dependência de mão-de-obra barata para a obtenção de níveis altos de lucratividade. No entanto, o “boom” de investimentos verificado na década passada terminou por beneficiar, embora seletivamente, determinados segmentos, que registraram acréscimos nos índices de produtividade da ordem de 4% ao ano, entre 1991 e 2000, quase o dobro da média mundial no período.

O setor industrial dos EUA desempenha papel proeminente e inovador em diversos segmentos, liderando especialmente nos campos aeroespacial e da indústria química. Neste último campo, os EUA dominam o mercado global, respondendo por 30% da produção mundial. As indústrias de computadores, programas de computação e semicondutores, que lideravam o mercado mundial nos anos 70 e 80, passaram, contudo, a sofrer forte competição a partir da década seguinte. No plano das indústrias pesadas tradicionais, como no caso do aço e da indústria automobilística, assinala-se que os EUA, após atravessarem período de dificuldades nas décadas de 70 e 80, lograram readaptar-se com a adoção de novas técnicas na década seguinte, resultando em ganhos de produtividade. A tabela a seguir (em US\$ bilhões) ilustra a importância do acesso dos produtos industrializados brasileiros ao mercado norte-americano:

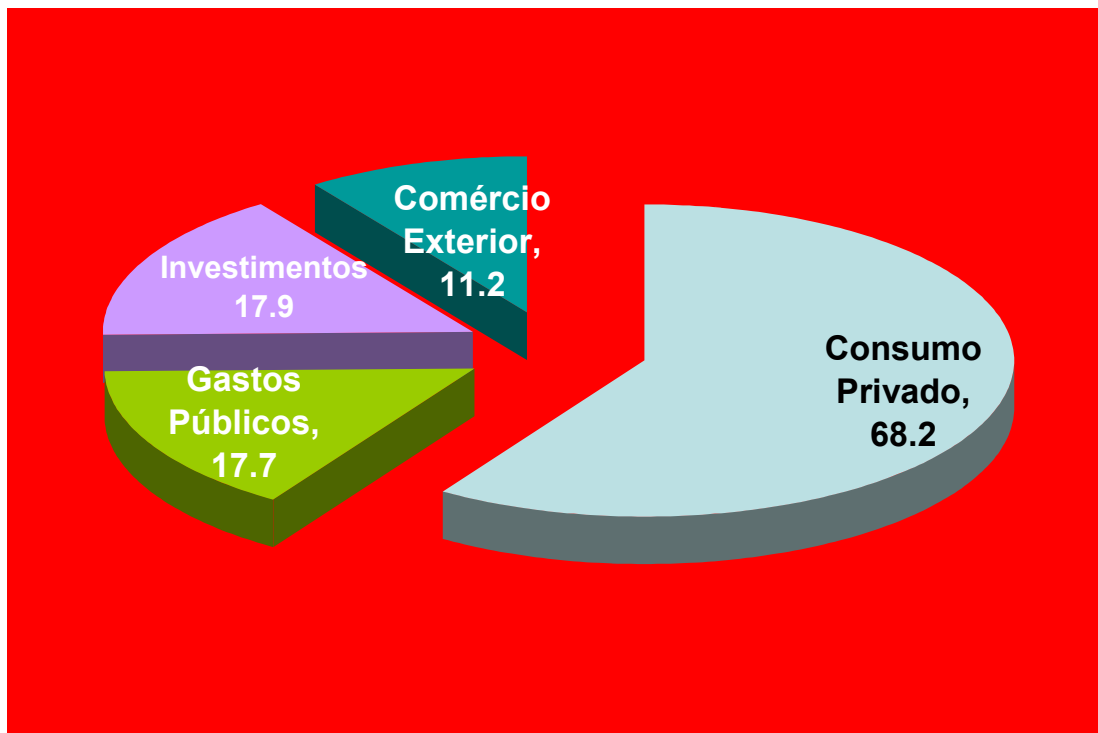
EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - EUA	2001	2000
Aeronaves/Partes	2.397	2.019
Eleto-Eletrônicos	1.568	1.037
Maquinário	1.155	1.262
Calçados	1.105	1.080
Aços/Ligas	1.074	1.230
Combustível	1.024	0,496
Veículos/Partes	0,967	0,735
Madeiras/Derivados	0,554	0,490
Metais/Minerais	0,284	0,384
Químicos	0,277	0,388

Fonte: SECEX / MDIC

Comércio Varejista

Setor que tem refletido o lado próspero recente da economia norte-americana. O comércio varejista tem-se beneficiado ao longo dos últimos dez anos pelo crescimento sustentado da demanda por produtos e bens de consumo. O setor tem igualmente incorrido em custos baixos, aproveitando a oferta persistente de mão-de-obra barata. As mais bem sucedidas empresas do setor varejista nos EUA têm procurado ultimamente dissociar-se da imagem de lojas de descontos e de venda de produtos populares. O consumo privado representa elevada parcela da formação do PIB norte-americano, conforme comprovado no gráfico a seguir:

EUA - Componentes do PIB (2001 – em %)



Fonte: U.S. Census Bureau (2001)

EUA – Comércio Exterior

A balança comercial norte-americana vem registrando déficit contínuo desde 1975, tendo alcançado recorde de US\$ 450 bilhões negativos, em 2000, ou 4,5% do PIB. A deterioração do déficit aumentou a partir da década de 90, na proporção crescente da demanda norte-americana por bens e produtos importados, contrastando com certo recuo nas exportações do país. Desde 2000, contudo, tem sido registrada uma diminuição do déficit, em decorrência da conjuntura desencadeada com os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, que tiveram efeitos sobre a redução das importações, e também em função do melhor desempenho do setor de serviços.

As exportações dos EUA, responsáveis pela formação de apenas 11% do PIB, constituem primordialmente bens de capital, produtos industriais e produtos agrícolas. Os bens de capital, excluindo veículos, responderam por cerca de 45% do total das exportações em 2000. Por volta respectivamente de 12% da produção industrial e de 25% da produção agrícola se destina a mercados externos. O país importa, por sua vez, bens de capital na faixa de 30% do total de sua balança.

O Canadá representa o mais importante mercado para as exportações e importações dos EUA, nas faixas respectivamente de 22,9% e 18,8% do total de comércio norte-americano. Esse dado reflete a tendência de integração elevada dos mercados dos dois países, especialmente nas indústrias automotiva e metal-mecânica. Outro fator reside na contribuição do NAFTA, acordo multilateral de comércio em vigor desde 1994 e que engloba ainda o México, parceiro que igualmente tem-se beneficiado das relações privilegiadas com os EUA, já se alinhando como segundo maior mercado para exportações daquele e seu terceiro mercado importador. O comércio com os países asiáticos vem dando mostras de recuperação após a contração resultante das crises financeiras enfrentadas por aqueles países a partir de 1997. Por seu turno, o comércio com países da União Européia concentra-se sobretudo na pauta com Grã-Bretanha e Alemanha.

A pauta de importações dos EUA representa cerca de 15% anuais em média com relação ao PIB do país. O maior déficit comercial individual é mantido com a China, que suplantou a partir de 2000 o Japão nessa posição. Os principais exportadores para o mercado norte-americano são (2001), depois do Canadá, respectivamente Japão (12%), México (11%), China (8,2%), Alemanha (4,8%) e Grã-Bretanha (3,6%). O Brasil em 2001 exportou US\$ 15,2 bilhões para os EUA, correspondentes a 1,3% do total importado por aquele país.

EUA – Política Econômica

A política monetária dos EUA é executada por autoridades (“board of governors”) do “Federal Reserve” (o banco central norte-americano), que por sua vez é oficialmente independente do Poder Executivo do país. Na prática, tende a ocorrer uma coordenação entre o “Federal Reserve” e órgãos governamentais como o Departamento do Tesouro, responsável pelo meio circulante. A política fiscal, por seu turno, é definida no orçamento federal anual proposto pelo Presidente, após negociações com o Poder Legislativo. Políticas industriais, de emprego e bem-estar social são formuladas e implementadas pelo governo federal e governos estaduais.

O “Federal Reserve” é administrado pelo “board of governors”, cujos representantes são indicados pelo Presidente e confirmados pelo Senado. A instituição regulamenta o crédito bancário bem como executa a política monetária, principalmente por intermédio de operações no mercado aberto, subscrição de títulos públicos e administração de taxas de juros. Na prática, a prioridade é concedida, como na atualidade, à manutenção da estabilidade monetária.

A redução da atividade econômica após 2000, associada aos efeitos dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, tem alterado a percepção interna nos EUA quanto à urgência do problema fiscal, que foi retirado da agenda central de prioridades. Ao contrário, o orçamento apresentado pela Presidência ao Congresso em 2003 prevê cortes em impostos e taxas, combinados com crescimento de despesas, que o tornam deficitário para o período. Por seu turno, a lenta recuperação da economia norte-americana tem induzido o “Federal Reserve” a manter as taxas de juros nos níveis mais baixos dos últimos 40 anos (1-2% ao ano em média).

A política tarifária e comercial dos EUA pauta-se pela aplicação de sistema extremamente sofisticado baseado em baixas alíquotas e complexa estrutura de barreiras reguladoras e fitossanitárias. Países em desenvolvimento podem utilizar o Sistema Geral de Preferências para o acesso ao mercado norte-americano, registrando-se, no entanto, picos tarifários nos setores agrícola e de produção alimentícia, assim como nos de vestuário e têxteis. Cite-se que desde 2002 encontra-se em vigor por três anos pacote de proteção tarifária para o setor de produção de aço nos EUA na faixa de 8% a 30% para importações desses produtos.

EUA – Desempenho Econômico

Os EUA alcançaram níveis de crescimento econômico sem precedentes ao longo da década de 90. Em fevereiro de 2000, a economia norte-americana registrava 107 meses seguidos de expansão sustentada, eclipsando o recorde anterior dos anos 60. A partir de pesados investimentos e da aceleração da produtividade, o PIB dos EUA cresceu 40% entre 1992 e 2000.

Desde março de 2000, no entanto, o nível de crescimento geral vem sofrendo desaceleração em desdobramento ao colapso no valor de mercado de empresas do segmento chamado “high-tech”. O cenário de depreciação na “nova economia” teve conseqüências no plano da redução nos investimentos e retração no consumo privado.

O nível de consumo nos EUA manteve-se, com efeito, consistentemente elevado na década anterior. Algumas análises dão conta tratar-se de fenômeno extraordinário tendo em vista a combinação de fatores como a baixa apreciação da massa de salários em geral naquele período e a reduzida oferta monetária por parte do “Federal Reserve” ao longo da década. Nessa acepção, o alto nível de consumo dos anos 90 nos EUA deveu-se a fatores como o crescimento vertiginoso no valor de imóveis, títulos e ações, aliado a uma redução da poupança e elevado grau de endividamento tanto individual quanto por parte de empresas.

O nível de desemprego, por sua vez, que permaneceu estável ao longo da década passada, registrando 4% em 2000, vem subindo desde então, situando-se em torno de 5,5% em 2002. O setor de serviços foi responsável pela geração do maior número de empregos nos últimos anos, tendo crescido 17% no período entre 1996 e 2000, contra 7% do total geral.

A inflação permaneceu controlada na década de 90, em torno da faixa de 2-3% anuais, em decorrência do vigor da economia. No entanto, foram registrados nichos inflacionários, principalmente nos custos de serviços de saúde devido à pressão causada pelo envelhecimento da população e no setor de energia, em função dos custos da geração de eletricidade e dos aumentos de preços do petróleo.